

IGREJA
LUSITANA

COMUNHÃO
ANGLICANA

o novo despertar

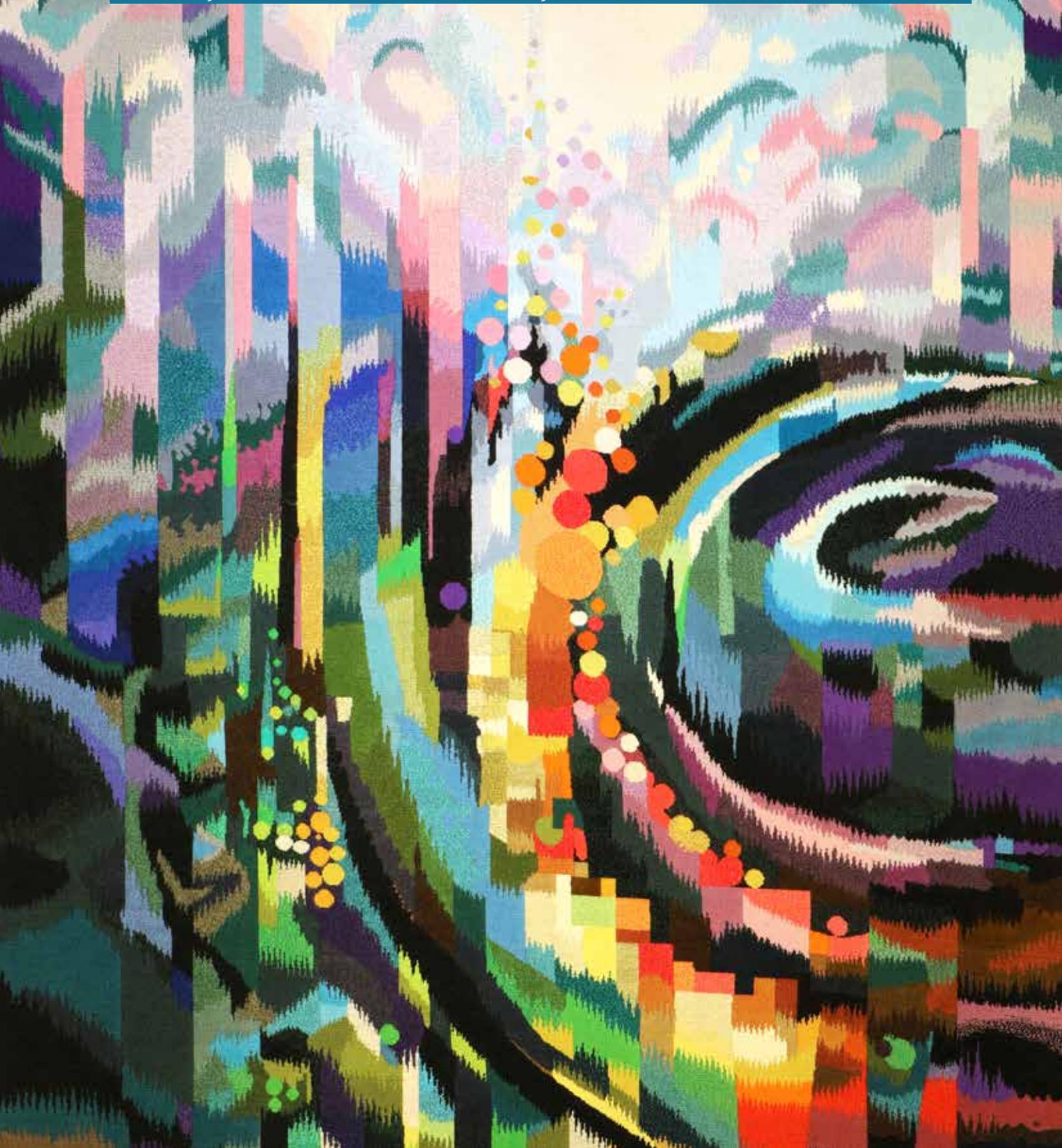
PARA UMA IGREJA DE PARTILHA E MISSÃO

PUBLICAÇÃO TRIMESTRAL

MARÇO 2019

€1.25

Nº 180



Destaques nesta edição



Pág. 11
Violência Doméstica



Pág. 13
Carnaval vivido na alegria da Fé



Pág. 15 a 18
Universidade Sénior



Pág. 22 e 23
Brexit

Leia e divulgue o Novo Despertar

*registre-se em www.igreja-lusitana.org para receber a newsletter.
siga-nos no: www.facebook.com/igrejalusitana
versão digital do Novo Despertar no site da Igreja*



Ficha Técnica

Entidade Proprietária: Igreja Lusitana Católica Comunhão Anglicana **Director** - D. Jorge Pina Cabral **Administração** - Rev. Sérgio Pinho Alves **Equipa Redactorial** - D. Jorge Pina Cabral, Rev. Sérgio Alves, Dr. António Manuel Silva, Rev. José Manuel Cerqueira, Catarina Sá Couto **Colaboradores neste número:** Alexandra Vidal, Sara Costa, Pedro Fernandes, Manuel Guedes Vieira, Aurora Freitas Melo, Robert Key, Philip Bourne, Jorge Barros, Fernando da Luz Soares **Fotografia de Capa:** Luís Bernardo Pinal Cabral **Fotografia dos Vitrais:** Manuel Joaquim Pina Cabral **Redacção:** Centro Diocesano, Rua Afonso Albuquerque, 86 Apartado 392 4431-905 V. N. de Gaia Tel: 223 754 018 - Fax: 223 752 016 **E-mail:** centrodiocesano@igreja-lusitana.org **Web:** www.igreja-lusitana.org **Tiragem:** 750 Exemplares **Periodicidade:** Trimestral Isenta de registo na ERC ao abrigo do Dec. Regulamentar 8/99 de 9/6, artº 12, nº1A **Depósito Legal:** 251930/06 **NIPC:** 592003159 **Impressão:** Sensilito O Novo Despertar é um órgão oficioso da Igreja Lusitana, editado pelo Sínodo Diocesano. O seu conteúdo pode ser reproduzido desde que seja citada a origem. As opiniões expressas são da responsabilidade dos seus autores e não representam necessariamente a posição da Igreja Lusitana. **Assinatura Individual Anual Nacional:** 10€ **Assinatura Individual Anual Internacional:** 15€ **Assinatura Benemérito:** 15€ **IBAN:** PT50 0033 0000 00005468868 81 (Millennium BCP)



Santa Quaresma

«Pois a Escritura diz : Sejam santos, porque eu sou santo.»

(1 Pedro,16)

D. Jorge Pina Cabral

O caminhar quaresmal de 40 dias, metáfora do peregrinar de toda uma vida, inicia-se com um convite à observância de uma «santa Quaresma». Em nome da Igreja, cada batizado em Cristo é chamado ao exame de consciência e arrependimento, à oração, ao jejum e à renúncia, e à leitura e meditação da santa Palavra de Deus.

A tradição religiosa encerrou a vivência e a expressão desta santidade à observância de um conjunto piedoso de costumes quaresmais, que pelo seu caráter repetitivo transformaram em lei aquilo que deve ser vivido em graça e pela fé. A exigência pastoral e comunitária que se coloca em cada quaresma, consiste em assumir este tempo favorável de uma forma renovada e livre, aberta ao sopro fresco e criativo do Espírito Santo.

Para que tal aconteça, os textos bíblicos dos Evangelhos que nos acompanham e orientam na quaresma, apresentam-nos o caminhar de Jesus até Jerusalém, recordando-nos que a vida cristã é um “caminho” a percorrer, que não consiste numa lei a observar, mas no encontro e acolhimento da própria pessoa de Cristo. Deste modo, a exigência e o sacrifício quaresmal vivem-se na fidelidade a este caminho da cruz assumido por Cristo e a percorrer por cada cristão.

Nesta quaresma de 2019, a realidade dura do contexto coletivo em que vivemos, apresenta-nos diariamente diversas chagas, provocadas pelo pecado individual e coletivo. A violência doméstica em Portugal, o terrorismo em diversas partes do mundo, os gemidos da criação em Moçambique e os gritos de sofrimento deste povo irmão, tornam pesada e exigente a cruz que com Cristo queremos carregar até à Páscoa em

Jerusalém. Mas é precisamente aqui que se joga a profunda identidade da nossa condição de batizados em Cristo e se exprime a nossa vocação para a santidade de vida. Vivendo a comunhão com Jesus aceitamos estar com Ele na proximidade do caos e sofrimento do mundo atual. E estando somos levados na força criadora do Espírito Santo a transformar pelo amor a realidade negra que nos envolve.

Deste modo, arriscando este caminho quaresmal, abraçamos e assumimos diariamente a santidade que Deus nos oferece. A matéria da nossa santidade encontra-se então nas diversas propostas e experiências que a vida nos apresenta e paradoxalmente naquelas que são as mais sofridas e exigentes. Este é também o sentido pleno da encarnação de Jesus Cristo, que unindo o céu à terra, tornou o caminhar quotidiano, uma possibilidade de realização plena da nossa vocação à santidade.

Por si só a quaresma não é santa, mas o modo como a vivemos e a assumimos pode-se tornar ou não um caminho de santidade. Requer-se então na quaresma a dupla vivência e consciência da interioridade da pessoa que somos com as suas limitações e fragilidades e a abertura à realidade em que vivemos com as suas exigências mas também oportunidades. Partindo da Igreja o convite a observar uma santa quaresma, deve cada cristão assumir ainda, o compromisso da vivência comunitária que a Igreja nos oferece e em particular na frequência da Eucaristia dominical.

Uma Santa quaresma para todos!

+ Jorge



Bolsa Diogo Cassels

*Vinte e cinco anos de ajuda solidária
300 crianças e jovens apoiados num montante de 70 000 €*



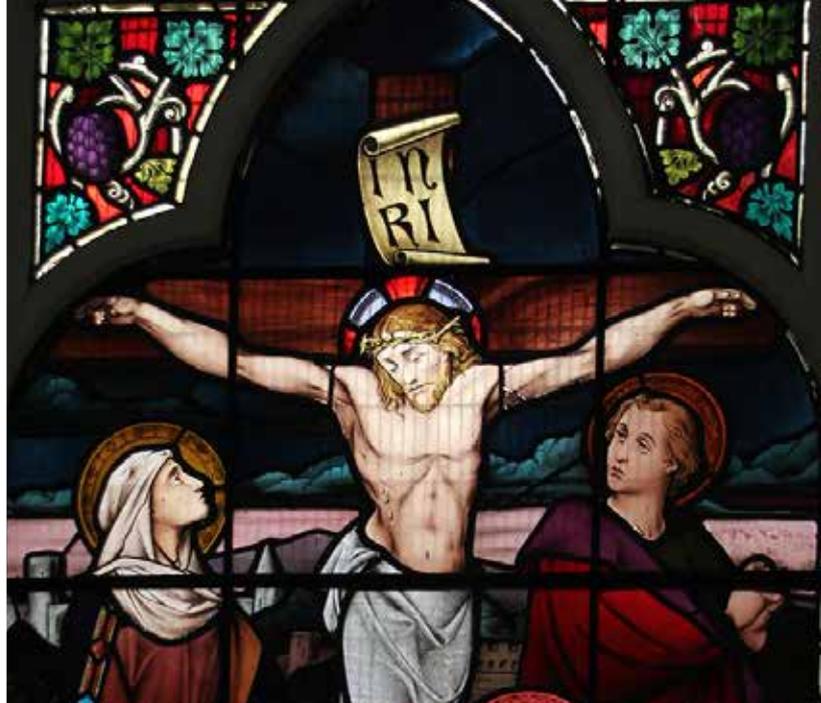
A Bolsa Diogo Cassels é um fundo benemérito criado em 1994 por ocasião do centenário do atual templo da Igreja do Torne. É uma iniciativa conjunta da Junta Paroquial de S. João Evangelista e da Associação das Escolas do Torne e do Prado (AETP).

Ao longo deste já longo período de tempo estima-se que cerca de 300 crianças e jovens e seus agregados familiares tenham sido apoiados nas áreas do desenvolvimento e aproveitamento escolar, da integração social e da família. A Bolsa tem permitido o apoio no pagamento de mensalidades escolares, na aquisição de livros e material escolar, na frequência de atividades extra curriculares e de serviços e consultas de psicopedagogia, pedopsiquiatria, terapia da fala e nutricionismo. Também e ultimamente os seus apoios foram estendidos à integração de crianças e jovens de famílias de refugiados a viverem em Portugal.

A seleção e acompanhamento dos apoios é feita em parceria pela dimensão pastoral da Igreja e a vertente técnica do serviço social e educativo da AETP. Estima-se já em cerca de 70.000 € (setenta mil Euros) o montante despendido nestes apoios. De referir que este fundo benemérito tem sido assegurado em cada edição anual através de generosos e solidários donativos individuais e de algumas empresas.

Deste modo e através desta Bolsa tem-se homenageado o espírito educativo e de amor à infância e juventude, que o Reverendo Diogo Cassels protagonizou desde a inauguração da Escola-Capela do Torne, há precisamente 150 anos.

Qualquer contribuição é naturalmente bem-vinda!



Igreja do Torne

Recupera vitrais centenários

No contexto da celebração dos 150 anos da Igreja e Escola do Torne foram recuperados os sete vitrais que embelezam esta igreja. O conjunto dos vitrais é de fabrico inglês, data de finais do século XIX e veio de barco para Portugal. Os primeiros, alusivos ao nascimento e à crucificação de Jesus, ornavam já a antiga Capela do Torne e foram recolocados na fachada do novo templo do Torne em 1894. Os restantes com motivos bíblicos foram sendo colocados até ao final do século. A sua instalação deve-se à visão, sensibilidade e ousadia de Diogo Cassels, que mesmo perante um contexto eclesial e cultural adverso, soube integrar a beleza e a estética na edificação de um novo espaço de culto. Tal ajudou a afirmar uma identidade eclesial católica e ao mesmo tempo reformada.

O tratamento dos vitrais esteve a cargo de uma firma especializada que ao longo de diversos meses fez um cuidadoso trabalho técnico de reparação, que entre outras tarefas compreendeu a colagem de vidros, repintura de partes descoloridas, reforço do chumbo existente e colocação de novas molduras de madeira. A 17 de Março no decorrer da celebração eucarística do II domingo da quaresma e numa cerimónia presidida pelo pároco de S. João Evangelista e bispo diocesano, D. Jorge Pina Cabral, os vitrais foram rededicados para honra e glória de Deus.



Biblioteca da Igreja Lusitana em Colóquio

A convite do Departamento de Estudos do Santuário de Fátima a Igreja Lusitana participou, no passado dia 9 de fevereiro, num encontro intitulado “Bibliotecas Eclesiásticas e conhecimento humano”. Foi com muito orgulho que recebemos este prestigiado convite sendo, igualmente, a primeira vez que foi apresentado em público um trabalho dedicado à Biblioteca da Igreja Lusitana. A sua realização foi da responsabilidade da Dr.ª Alexandra Vidal e do Dr. António Manuel Silva, que também apresentou o trabalho.

A Igreja Lusitana, fruto de uma história de mais de um século (estruturas diocesanas, paróquias, escolas, departamentos, etc.), acumulou significativa produção documental própria e importantes fundos bibliográficos. Para gerir meios e espaços houve que fazer opções. Deste modo, foi privilegiada nos últimos anos a descrição e disponibilização ao público dos fundos arquivísticos e da importante hemeroteca, a que se seguirá o acervo da Biblioteca Histórica da Igreja. Destacamos o Protocolo de colaboração com a Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia. Referimos os principais jornais já disponíveis on-line: *Egreja Lusitana* (1892-1923); *O Bom Pastor* (1901-1922); *A Reforma* (1877-1889) [www. https://arquivo.cm-gaia.pt/](https://arquivo.cm-gaia.pt/)

Foram também abordados os pontos seguintes:

- Igreja Lusitana: história, identidade, atualidade
- Arquivo vs. Biblioteca Histórica: opções e prioridades
- O Arquivo Histórico da Igreja Lusitana
- A Hemeroteca Lusitana
- A Biblioteca Histórica
- Arquivos e bibliotecas institucionais: memória, património, recursos

A abertura deste Encontro esteve a cargo do Senhor Reitor do Santuário de Fátima Pe. Carlos Cabecinhas e do Diretor do Departamento de Estudos do mesmo, Dr. Marco Daniel Duarte. A conferência inaugural: “Bibliotecas Eclesiásticas e conhecimento humano” contou com a presença do Prof. Henrique Leitão. Este Encontro contou, igualmente, com a presença de diversos especialistas da área das Bibliotecas: Dr. André Melícias “A Biblioteca do Santuário de Fátima”; Dr.ª Agripina Vieira “A biblioteca “literária” de Fátima”; Dr.ª Márcia Oliveira “A importância das bibliotecas para a formação das elites eclesias-ticas: os exemplos de Frei Manuel do Cenáculo e dos seus correspondentes”, entre outros.

Esta participação também se revestiu de especial significado, na medida em que é uma prova do reconhecimento do trabalho e empenho que a Igreja Lusitana deposita há alguns anos, na promoção, conservação e divulgação do seu património documental e a sua aceitação no seio das comunidades cristãs portuguesas maioritárias, como sinal de que mais do que as diferenças devem ser as semelhanças a unir todos os cristãos, nesta Casa Comum que é o planeta em que vivemos.



Nomeada nova Arcipreste do Sul

Ouvida a Comissão Permanente na sua reunião de Novembro passado, o Bispo diocesano nomeou a Reverenda Ilma Oliveira Rios como Arcipreste do Sul da Igreja Lusitana. A nova Arcipreste sucede ao falecido Reverendo Fernando Santos na animação e coordenação do trabalho de missão das diferentes paróquias lusitanas do Sul. A Reverenda Ilma no exercício do seu ministério diaconal começou a colaborar com a Igreja Lusitana em 2013 tendo sido ordenada ao ministério presbiteral a 11 de Junho de 2016 no contexto da festa litúrgica de S. Barnabé, Apóstolo e no culto de encerramento do 96º Sínodo Diocesano.

Ilma Rios, é baiana da cidade de Mairi(Brasil). Fez a licenciatura em Educação Religiosa pelo Seminário Prebiteriano do norte e uma Pós-Graduação em Teologia Anglicana no Seminário Anglicano de Estudos Teológicos no Recife. Ingressou na Igreja Episcopal Anglicana do Brasil em 2002 onde veio a ser ordenada Diácona.

A nova Arcipreste a trabalhar a tempo inteiro para a Igreja, tem exercido o seu ministério no contexto da paróquia de S. Paulo em Lisboa na qual é ministra coadjutora. Na sua nova qualidade esteve já presente na reunião do Arciprestado do Sul realizada a 9 de Fevereiro, a qual foi presidida pelo Bispo Diocesano. O apoio pastoral ao clero e a visitação das diferentes comunidades farão parte das suas tarefas eclesiais. O Novo Despertar deseja-lhe as maiores bênçãos de Deus no cumprimento deste serviço.



Batismo de Tiago Magalhães Moreira

Na celebração eucarística da Festa da Epifania (6 de Janeiro) foi batizado na Paróquia Lusitana de S. João Evangelista (Torre, em Vila Nova de Gaia), o Tiago de Magalhães Moreira, filho de Pedro Miguel Moreira e de Ana Patrícia Magalhães. O Tiago com um ano de idade foi presente ao batismo pelos pais e padrinhos tendo a cerimónia sido presidida pelo pároco Bispo Jorge Pina Cabral. Para além da comunidade esteve presente um numeroso grupo de familiares que participou em toda a liturgia. Na preparação para o batismo do Tiago o pároco reuniu diversas vezes com os pais e padrinhos num caminho de aprofundamento da fé e das implicações do batismo quer para a vida da criança quer para o compromisso cristão dos pais e padrinhos. O Tiago Magalhães pertence a uma família que há várias gerações é membro desta paróquia. Seu trisavô materno Jesuíno Gonçalves Santos foi diácono da Igreja Lusitana. Por este novo membro da Igreja de Cristo damos graças a Deus.



Dois Batismos em Cristo

A Paróquia do Salvador do Mundo, Prado, em Vila Nova de Gaia, acolheu a realização de dois batismos no dia 2 de março de 2019, celebrados pelo Pároco Revº Sérgio Alves.

Num belo dia de festa, marcado pela alegria particular de muitos Irmãos Africanos, foram incorporados na família da Igreja, através do sacramento do batismo, o menino Haniel Fernandes, com 1 ano e sua mãe, Chenaize Aguiar, de 23 anos, ambos de nacionalidade Angolana, a residir em Portugal, devido à frequência de mestrado em economia da Chenaize, bolseira do Governo de Angola.

Após chegada a Portugal, há mais de um ano, a família, tem participado regularmente na vida da comunidade, inclusivamente, animando algumas celebrações com cânticos e danças próprias e tem recebido acompanhamento pastoral de integração e apoio perante vicissitudes relacionadas com as migrações.

A preparação para o batismo foi assegurada pelo pároco, através da realização de encontros, onde se juntaram alguns familiares e amigos, seguindo os subsídios formativos do curso Peregrino, disponibilizado pela Igreja.

Celebrar dois batizados, de um bebé e de um adulto, inseridos numa comunidade eclesial, constitui motivo de gratidão a Deus, pelo sinal real da incorporação na Igreja, como corpo de Cristo que pela força do Espírito Santo é capaz de se renovar e “fazer novas todas as coisas” Apocalipse 21, 5.



Encontro de Alunos do Curso

Imersão no Anglicanismo

Instituto Anglicano de Estudos Teológicos

Realizou-se no passado dia 19 de Janeiro pelas 12.00 horas, nas instalações da Igreja de S. João Evangelista, Torne, Vila Nova de Gaia, o primeiro encontro dos estudantes do Instituto Anglicano de Estudos Teológicos e que frequentam o Curso de Imersão no Anglicanismo, que resulta de uma parceria entre a Igreja Episcopal Anglicana do Brasil e a Igreja Lusitana.

Este encontro teve como objectivo a partilha de experiências acerca do Curso, colocação de questões, comentários e sugestões e conhecimento mutuo. Estiveram presentes oito dos doze alunos inscritos e ainda os membros do grupo de Coordenação do Curso: o Bispo Diocesano, Dr. António Manuel Silva e José Manuel Cerqueira.

Após o tempo da Oração da Manhã e almoço, cada um se apresentou falando do seu percurso de vida, de fé e dos motivos que levaram à inscrição neste Curso. Terminado este momento o Bispo D. Jorge Pina Cabral, fez uma reflexão de abertura lembrando alguns aspetos importantes do conhecimento e compreensão cada vez mais profundo que todos devem ter do que é ser Igreja e como a entender e viver nas suas diversas dimensões.

Lembrou ainda todo o caminho percorrido com o trabalho dos teólogos que já prepararam muita da reflexão necessária do ponto de vista doutrinal e ecuménico para podermos viver com mais intensidade e comunhão com Deus e com a Igreja e as Igrejas em todas as suas dimensões confessionais e características próprias. Terminou afirmando: “Agora o necessário é colocar em prática aquilo que já está definido pelos teólogos”. Passou-se a um momento de avaliação/reflexão sobre este Curso propriamente dito. Entre outras coisas partilharam-se informações práticas sobre

a plataforma informática, o sistema de avaliação, os prazos de entrega de trabalhos, a qualidade dos materiais e das sebtas usadas e a relação com os professores. O Dr. António Manuel refletindo sobre a importância deste curso e sobre a sua estrutura lembrou que a intenção não é ser um curso Superior de Teologia mas um ação de formação que possa abrir outros caminhos.

Este encontro serviu também para balanço de encerramento da primeira cadeira de “Leitura da Bíblia numa perspectiva Anglicana” e início da cadeira seguinte: “História do Anglicanismo”. No final ficou a experiência positiva desta reunião, a vontade de realizarmos mais atividades de formação talvez de uma forma presencial e complementar a estes estudos e o desejo da continuação de um bom trabalho.

No momento Devocional de encerramento o Bispo D. Jorge afirmou: “

“A Igreja, qualquer Igreja, é sinal do Reino, e por sua vez o Reino é sinal de eternidade. Estamos na Década de Evangelização e Discipulado proposta pelo Arcebispo de Cantuária para toda a Comunhão Anglicana, e por isso a perspectiva da missão e do Discipulado é formar cristãos que tenham do seu testemunho e da sua missão a perspectiva da eternidade.

Nenhuma Igreja é definitiva, não somos nem estamos sozinhos, mas pertencemos a uma Comunidade Universal e a uma comunhão geral e mais alargada de cristãos. A Igreja Lusitana precisa que cada um de vós seja mais conhecedor das razões da nossa esperança e para isso é necessário que cada um peça a Deus um suplemento de fé, de tempo, de oração e estudo.”

Fechar os olhos é ser cúmplice deste crime



No dia 9 de Março, pelas 15.30h, realizou-se nas instalações da Escola do Torne um Encontro-Debate sobre Violência-doméstica organizado em parceria entre o Departamento de Mulheres da Igreja Lusitana (DMIL) e a Associação das Escolas do Torne e Prado (AETP). Foi convidada para falar do actual estado desta questão e da sua experiencia, a Dra. Ilda Afonso como responsável técnica da UMAR – União de Mulheres Alternativa e Resposta e Diretora do Centro de Acolhimento desta organização no Porto. Estiveram presentes cerca de 30 participantes.

O encontro teve início com a projeção de um vídeo mostrando como no desenvolvimento da sua Missão e um pouco por todo o mundo as Igrejas da Comunhão Anglicana trabalham pela igualdade de género e fim da violência doméstica. Tomando a palavra, a Dr. Ilda Afonso agradeceu o convite e começou por lembrar que todos os presentes têm conhecimento, ou experiência de conhecimento, de casos de violência doméstica. Partilhou o conceito que hoje tem a violência doméstica, lembrando que já não se trata apenas de situações de violência física, embora essas sejam as mais visíveis, mas também a psicológica, a chantagem com os filhos e com a sua educação, com a sobrevivência ou ameaça à estrutura familiar. Não se trata de uma questão de classes sociais, é transversal a todas as camadas da sociedade, mesmo

em meios que consideramos academicamente bem formados, ou economicamente seguros. Lembrou que também existem homens que são vítimas, mas que do ponto de vista público é muito mais difícil prestar auxílio e assistência, devido aos preconceitos que este fenómeno representa, dado que este tipo de violência continua a ser associado exclusivamente às mulheres, o que já não é verdade. 20% do apoio que a UMAR presta é a homens.

Procurando não aumentar a conflitualidade no seio do casal a UMAR não estimula a denúncia, nem a fuga nem o divórcio, mas visa formar e informar, dado que muitas vezes as vitimas não têm de deixar as suas cidades nem a sua terra, mas sim o agressor. Para que tal possa acontecer em segurança, neste momento a UMAR tem uma “Casa Abrigo” de estadia temporária e através de um acordo com a Camara Municipal de Gaia tem três “Casas de Acolhimento. Foram abordadas pela oradora as questões delicadas dos filhos, crianças, adolescentes e jovens, e as relações ambíguas geradas com os agressores. Seguiu-se um período de perguntas por alguns dos presentes e que diziam respeito a questões legais, o conceito cultural de violência-doméstica, a esperança de “que talvez nunca mais aconteça”, a dificuldade de saber o que fazer dada a definição de privacidade da família, etc.

A Dra Ilda A. lembrou que ainda há muito trabalho de sensibilização para fazer, e o mais importante é o que deve começar em idades cada vez mais precoces, nos infantários de preferência, para fazer da prevenção o trabalho de base, reclamando que todos os cursos educacionais, mesmo os superiores, deveriam ter um período de estudos sobre igualdade de género. Terminou-se com um momento muito comovente em que perante 13 candeias acesas simbolizando as 13 vitimas este ano de violência doméstica, se fez um tempo de recolhimento e de oração. As candeias foram distribuídas para serem levadas para as paróquias a fim de que em cada lugar o povo da Igreja continuasse a sua oração, com um texto da Poetisa Fina D`Armada. Entoou-se um cântico e o evento encerrou com um momento de convívio. Este foi o primeiro de uma série de encontros planeados a serem organizados pelo DMIL e pela AETP tendo em vista tratar e sensibilizar a sociedade e a Igreja para os desafios que hoje a todos se colocam.



Carnaval vivido na alegria da fé

Tantas vezes como cristãos falamos que as nossas festas - como o Natal e Páscoa - foram transformadas num consumismo pagão de sentido vazio. Pois bem, o Secretariado Juvenil da Igreja Lusitana (SJIL) tentou fazer o reverso, porque não cristianizar festas originalmente pagãs? Uma oportunidade de encontro antes da Quarta de Cinzas: Um Convívio de Carnaval!

Estivemos durante um fim-de-semana, 25 e 26 de Fevereiro, na Paróquia de Cristo em Oliveira do Douro (Concelho de V. N. de Gaia) a dormir, orar, comer e a fazer actividades. Neste tempo que antecedeu a Quaresma, a Filipa Paiva a convite do SJIL, direccionou um workshop durante todo o fim-de-semana que nos fez reflectir sobre a nossa vida até aquele momento. Ouvimos o testemunho de vida do Fredo Ferreira e os mais corajosos partilharam também o seu testemunho de vida antes de irmos embora no Domingo. Neste sentido, a jovem Mariana Dias, da Paróquia do Torne referiu: *“Não estava nada à espera (...) Havia pessoas que eu já conhecia há bastante tempo e mesmo assim consegui conhecê-las ainda melhor. Foram só dois dias mas não pareceu, foi intenso.”*



O Baptismo e o ‘Nascer de Novo’ do diálogo bíblico entre Jesus e Nicodemos, foram algumas das reflexões feitas nos momentos de oração. Também participamos e animamos o culto dominical com um Coro Jovem. Agradecemos à paróquia de Cristo na pessoa do Rev. Carlos Duarte e à Junta Paroquial que tão bem nos soube acolher e mostrar o seu apoio incondicional; à Filipa Paiva que voluntariamente aceitou este desafio; ao Fredo Ferreira pelo testemunho; e a todos os participantes que em conjunto fizeram este convívio: inesquecível!

Catarina Sá Couto

Encontro Europeu de Taizé

“Não esqueçamos a hospitalidade”



O Secretariado Juvenil da Igreja Lusitana promoveu a participação de um grupo de jovens no encontro de Taizé em Madrid no final do ano. Fica aqui o testemunho de uma jovem participante, a Sara Costa da Paróquia Lusitana de S. Mateus (Vila Franca de Xira).

“Ao início, não sabia bem para o que ia e apesar das 10 horas de viagem sabia que seria uma experiência que me iria ajudar a crescer na fé e como pessoa. Pois bem, foi o que aconteceu! Lembro-me da primeira vez em que entrámos na Feria de Madrid, onde iam ser as orações comunitárias, pensei no facto de 14 mil pessoas de todo o mundo estarem no mesmo sítio juntas por um só motivo! No final dessa primeira oração em espírito de Taizé, cheguei à conclusão que a forma mais bonita de orar era mesmo com os cânticos, aqueles cânticos curtos mas tão bonitos, com tanta simplicidade e significado.

Os nossos dias começavam com a oração da manhã nas nossas paróquias de acolhimento, seguida de uma reflexão e partilha em pequenos grupos. Depois, à hora de almoço, tínhamos a oração comunitária numa paróquia no centro da cidade. Logo a seguir, almoçávamos e tínhamos workshops que foram substituídos pelo nosso grupo por turismo na cidade. No final do dia, íamos buscar o nosso jantar e o almoço do dia seguinte. E acabávamos o dia com a oração da noite na Feria de Madrid.

O último dia do ano, muito marcado por muitos imprevistos, acabou por se tornar uma das melhores noites de passagem de ano. Numa igreja, num dos bairros alternativos de Madrid, tivemos uma oração pela paz no mundo, e de seguida as 12 uvas foram comidas ao som das 12 badaladas. Num estalar de dedos estávamos nos primeiros segundos de 2019, a aprender como se dizia “Bom ano” nas várias línguas e a desejar o bom ano nas respetivas línguas aprendidas. Festejámos todos juntos também nas ruas de Madrid,

sentia-me como se não houvesse nenhuma diferença em língua, país ou religião.

Havia portugueses, franceses, polacos, romenos, espanhóis... agora não me recordo de mais mas acredito, havia mesmo muitas nacionalidades assim como confissões religiosas católicos, presbiterianos, lusitanos e muitas mais. Ao segundo dia sentíamos que já conhecíamos toda a gente e que toda a gente era igual, que não havia diferenças na confissão religiosa, na língua e na idade de cada um. Assim foram os meus últimos dias de 2018 e os primeiros de 2019. Foi uma experiência fantástica e inexplicável por completo. Não irei esquecer as várias aventuras, como andarmos perdidos uns dos outros, começarmos a cantar num lado da linha do metro e do outro lado cantarem connosco, o diálogo com pessoas de outros países e partilharmos algumas das suas tradições, a correria do metro, a nossa louca noite de ano novo e muitas mais... Não esquecerei o que aprendi a nível pessoal e da espiritualidade que vivi naquele sítio durante esta semana.

Sinto-me grata por ter tido esta oportunidade na minha vida. Agradeço às nossas famílias de acolhimento que souberem tão bem o significado da palavra hospitalidade e que nos receberam como se fossemos seus filhos; agradeço a vocês, mãe e pai, que confiaram em mim e me deixaram voar com as minhas próprias asas, por fim, agradeço a quem esteve comigo nesta semana tão especial, ajudaram a crescer esta menina que dizem que é tão pequena mas tão grande ao mesmo tempo.

Agora restam as fotos, os vídeos, a memória destes dias, as amizades que ficaram, o significado da palavra “hospitalidade” e como simbolismo de gratidão do SJIL a cruz de Taizé que hoje levo para todo o lado. E não, não é só oração como muitos pensam. Foi um ano novo diferente cheio de coisas diferentes, que nos ensinou tanto que nem pareceu uma semana. E sim, uma passagem de ano pode ser passada com amigos mas não necessariamente numa discoteca a beber até não poder mais. Espero continuar a ir a estes encontros e talvez um dia a Taizé.

OBRIGADA”



Peregrinos terminam caminhada do Curso de Educação Cristã

No contexto da Eucaristia dominical realizada no passado dia 3 de Fevereiro na paróquia do Redentor (Porto), 10 alunos do Curso do Peregrino receberam um diploma que atesta a sua conclusão do curso. A entrega dos diplomas coube ao coordenador do Instituto Anglicano de Estudos Teológicos (IAET), António Manuel Silva. Este foi o primeiro grupo a nível diocesano a concluir esta caminhada de formação cristã para adultos que decorreu ao longo de cerca de dois anos. No decorrer do Curso foram estudados oito livros, cada um deles com abordagem de um tema específico. A alegria pela realização deste feito era visível em todos os participantes e também na comunidade paroquial que acompanhou e ajudou neste caminho. Pelo que exprimem de bom e de belo transcrevemos adaptados do boletim Renovar Redentor testemunhos apresentados no decorrer da celebração:



«O meu percurso ao longo do curso do Peregrino pode-se equiparar ao subir a uma árvore para ver Jesus. Esta árvore mostrou ser de madeira sólida e cheia de ramos, onde me posso apoiar e repousar. Ainda vou a meio da árvore ... ou se calhar ainda não cheguei a metade da sua altura! Mas a subida não me assusta e sei que posso contar com os vários ramos – amigos e colegas peregrinos – para me apoiar e recuperar as forças. Já vou tendo uns vislumbres de Jesus, que me enchem de paz e alegria e dão a certeza de querer continuar este caminho, esta subida. Obrigada!»

Sara Meneses



«Confesso que fiquei com alguma expectativa quando o nosso Pároco Reverendo Carlos Duarte apresentou o Curso do Peregrino. O meu receio estava na possibilidade de este Curso ser uma espécie de Escola Dominical para adultos, em que os participantes seriam meros recetores de interpretações que poderiam colidir com o conhecimento e as convicções de cada um de nós. Não. O Curso do Peregrino foi muito enriquecedor. Eu aprendi imenso, tenho a sensação de me ter tornado mais cristão e ganhei mais vontade em ser divulgador dessa condição (...).»

José Henrique Fernandes



«Quando me falaram no Curso do Peregrino confesso que não fiquei muito animada «curso»? estudar? Ter aulas? Achei que já não tinha idade para essas lides. Mas como curiosa que sou e por gostar de novos desafios, refleti e participei. Ainda bem que o fiz pois foi uma experiência maravilhosa. (...) Em cada sessão partilhámos a forma como vivíamos e sentíamos a fé e o modo como olhávamos o mundo e a própria Palavra de Deus. A nível pessoal o curso serviu-me para afugentar alguns medos, ultrapassar alguns obstáculos e quebrar barreiras (...).»

Maria da Graça Martins

A importância pedagógica, social e humana das

Universidades Sênior



Tomando consciência da importância que as Universidades Sênior têm sendo uma resposta positiva de ação junto da população Sênior, o Novo Despertar decidiu abordar esta realidade, dedicando-lhe um Dossier. Aproveitando ter entre nós alguns membros e colaboradores da Igreja Lusitana que têm responsabilidades em diversas Universidades Sênior, pedimos para partilharem connosco um pouco da sua experiência. Para além de uma reflexão geral, recolhemos três depoimentos: no Arciprestado do Sul, do Sr. Dr. Manuel Guedes Vieira; no Arciprestado do Norte, da nossa irmã Aurora Melo e no Porto do nosso colaborador José Manuel Cerqueira.

As Universidades Sênior são reconhecidamente importantes dentro de uma estratégia social moderna direccionada para os mais velhos. O mundo contemporâneo está numa época em que tudo é “pós” qualquer coisa, pós-laboral, pós-profissional... a criação deste conceito acrescentou dignidade à população Sênior, que era uma parte da sociedade um pouco esquecida, e tratada como “pós...”

Esta ideia e a sua criação partiram da tomada de consciência de que as sociedades utilitárias ignoravam ou esqueciam os seus seniores, para quem não existiam nem incentivos nem atividades. Não sendo tudo linear, as Universidades Sênior já tiveram tempo para se redefinirem a fim de responder e ir ao encontro de novos desafios! No contexto da redefinição e da busca da sua identidade várias coisas se destacam:

- 1.** Não são casas de aprendizagem no sentido académico. São lugares onde pessoas experientes e de todos os estratos procuram dar e receber daquilo que a vida tem e lhes deu. Quem ensina/partilha sabe que o deve fazer de forma criativa e aberta em sessões marcadas pelo diálogo e interação. São espaços de liberdade, e as pessoas sentem que já não têm que ter filtros ou medos, fazendo assim surgir as dúvidas sérias, às vezes as angústias e uma imensa sede de saber. Porque são mais livres e têm estes lugares de liberdade, sentem-se seguras para questionar, os outros e a si mesmas, e com a idade, a forma das questões altera-se muito. Tudo se torna mais consistente, prático e direto.
- 2.** Não são casas onde se “entretêm” pessoas seniores. O objectivo não é fazer ocupar o tempo de pessoas que não têm nada que fazer. Não são casas redutoras, nem querem fazer reviver o passado ou alimentar saudosismos. Se os há são aqueles que afetam qualquer um de nós em qualquer idade.
- 3.** Nas aulas, nas visitas, nas viagens ou nos convívios dentro ou fora de casa, os professores também aprendem.
- 4.** Estes estudantes são agentes de mudança, porque ainda possuem a capacidade de influenciar a mentalidade dos seus círculos familiares e de amigos.
- 5.** São lugares de encontro, de reencontro e convívio. Seria injusto ignorar esta dimensão, porque as Universidades Sênior também são “fábricas” de amizade.



“Há uma componente afetiva que é muito forte.”

José Manuel Cerqueira (JMC) é colaborador da Igreja Lusitana e começou a ensinar em 2005. Atualmente é docente em diversas Universidades Senior. As suas principais matérias são a História da Igreja e a História da Música.

ND: Qual tem sido a sua experiência pessoal neste trabalho?

JMC: A experiência é muito positiva. Ajuda-me na minha própria formação, estimula-me a investigar, a ler e a estar atualizado, em particular sobre o Cristianismo, que é centro da minha atividade e interesse. Obriga-me a reler a História passada e a História contemporânea. Há também uma componente afetiva que é muito forte, porque são casas onde se fazem amizades e contactos que perduram.

ND: Neste tipo de trabalho que alterações mais significativas pensa que ocorreram, desde o ano de 2005 quando começou, até hoje?

JMC: Pelo que tenho observado destaco um significativo aumento de qualidade e quantidade na oferta das matérias. As primeiras experiências não arriscaram tanto como se arrisca hoje, até porque ainda se estava a tentar perceber se estes projetos valiam a pena, ou não. Hoje já investem na Literatura, na História da Arte, na Botânica, na Dança, na Música, na Geopolítica, na Escrita Criativa, no Teatro, Poesia, Estudos Femininos, etc... São hoje também muito procuradas e muito úteis as matérias ligadas à saúde, alimentação, bem-estar, segurança e Sexualidade Sénior. Fico muito satisfeito por ver que as Universidades Sénior perderam o medo de sair de “casa” e assim surgem as visitas de estudo aos museus e exposições, em Portugal e no estrangeiro.

ND: E em relação aos professores?

JMC: Em relação aos professores, hoje há muito interesse em trabalhar com as Universidades Sénior. Se alguns professores ainda estão no ativo nas suas vidas profissionais mas que gostam de continuar a partilhar o saber, tenho assistido a casos em que os professores também são alunos. Tem para mim muita ternura quando alguém acaba de dar uma aula e logo depois senta-se como estudante para a assistir à seguinte. Ou o inverso. É muito bonito!

ND: Para terminar, qual pensa ser o futuro destas instituições?

JMC: Sendo já muito importantes na vida das pessoas que as frequentam, e estando reconhecidas por organizações Nacionais e Internacionais, penso que isso lhes assegura futuro. Os modelos poderão e com certeza vão modificar-se, mas o conceito permanecerá. Há poucos anos por causa de diversas conjunturas sociais, políticas e económicas, a antecipação das reformas apanharam as pessoas de surpresa, no vazio da casa, da família, do convívio com os colegas e o fim das rotinas. Parecia o fim da sua contribuição ativa. Isto levou a que muitas pessoas não sendo seniores na idade, se sentissem seniores de vida.

Foi o período tenebroso do surgimento das doenças ligadas à depressão, angústia, suicídio e desistência... As pessoas eram muito novas para serem velhas... Pelos mesmos motivos anteriores mas ao inverso, está a aumentar novamente o período de trabalho. Já se ouve as pessoas dizerem até com algum sentido de humor: “Estou mesmo a ver que vou ter trabalhar até aos 100 anos para ir para casa com a reforma”. Isto terá que ser levado em conta para prepararmos um bom futuro, até porque os docentes também estão sujeitos às mesmas questões.

Em relação ao futuro, eu pessoalmente, sonho com um tempo em que todas as casas que cuidem dos nossos seniores se pudessem organizar e receber apoios para oferecer Universidades Sénior como serviço cultural, mas que são também de estímulo cerebral, físico, intelectual, e não fossem como muitas vezes parecem, jardins infantis para a terceira idade... Eu pessoalmente, se estiver na plena posse das minhas capacidades mentais, espero que nunca me aconteça ter a consciência de que estou a acabar os meus dias internado numa “Creche”...



“Ele sabe melhor do que ninguém onde e quando podemos ser úteis.”

Manuel Guedes Vieira(MGD) é leitor de Igreja Lusitana e Presidente da Junta Paroquial da Catedral de S. Paulo em Lisboa. Está Ligado à Universidade Internacional para a 3ª idade (UITI) em Lisboa.

ND: Como e quando teve conhecimento e contacto com a UITI?

Dr. MGV: Quando me aposentei, a minha Mulher incentivou-me a procurar uma Universidade Sénior onde pudesse compensar a falta de atividade inerente à condição de “reformado”. Foi assim que, os dois descobrimos a UITI. Aí tivemos o privilégio de conhecer e conviver com toda uma série de pessoas, quer alunos quer professores. A minha Mulher acabou por se afastar, absorvida por outras ocupações, mas eu mantive-me. Desde 2009 que tenho o privilégio de pertencer à Administração da Fundação Celeste e Herberto Miranda a quem pertence a UITI, e tive o privilégio de ter privado de perto com o seu Fundador e primeiro Reitor, o saudoso Engº Herberto Manuel de Miranda, um “jovem” já bem entrado nos 80, que era uma figura fascinante e uma mente brilhante. A UITI é uma comunidade de mais de 600 alunos e cerca de 70 Professores – a aluna mais velha tem neste momento 100 anos. É de facto para mim uma bênção viver rodeado por todas estas pessoas que são voluntárias e numa instituição, que parafraseando um antigo aluno, é “fonte de Saber, de Verdade e de Cultura”.

ND: O que o motivou a aceitar o desafio para ser professor da UITI?

Dr. MGV: Ainda na condição de aluno e um pouco a medo, confesso, procurei dar à grande família que é a UITI algum contributo com os meus conhecimentos, propondo-me dar aulas de Introdução à Atividade Seguradora. De-sejava no fundo pôr em prática o lema da casa, que é: “Dá o que sabes e aprende o que quiseres”. O Eng. Herberto aceitou a proposta e, assim, iniciei-me como professor (algo que nunca me tinha passado pela cabeça pudesse vir a acontecer). (...)Cedo também o meu interesse pelos temas de História e o sentimento de que me devia afastar do que tinham sido os últimos anos da minha vida profissional, levaram-me a criar um Curso de História de Portugal. Este projeto também foi logo acarinhado pelo Eng. Herberto, porque era uma matéria ausente do currículo. Desde então, é à História que me tenho dedicado: História de Portugal, História da Europa e História das Religiões Monoteístas. As outras matérias ministradas mas que, ou por falta de interessados ou por falta de tempo, acabei por suspender foram História do Pensamento Económico, Noções de Economia e História de Lisboa.

ND: Como tem vivido esta “inesperada” tarefa de ensinar?

Dr. MGV: Como disse, nunca me havia passado pela cabeça ser professor, apesar de ser filho de professores e com um irmão professor, pensava que esse não seria o meu caminho, não era a minha vocação... Mas tem sido uma experiência maravilhosa, que me proporciona intensa atividade, o prazer de divulgar conhecimentos que julgo importantes para todos, pelo convívio, pela partilha de vivências e pelo sempre interessante debate de ideias e experiências.

DN: Para além das matérias ao seu cuidado, que outras fazem parte do Currículo da UITI?

Dr. MGV: Do currículo da UITI constam diversas matérias: aulas de Francês, Inglês, Italiano e Árabe, trabalhos manuais, informática, música, poesia, literatura, dança, matemática, etc. Além das aulas e debates, organizamos passeios e visitas. Uma das visitas que já é “clássica” é a que promovo, pelo menos uma vez por ano, à nossa Catedral de S. Paulo onde procuro dar esclarecimentos a um auditório sempre interessado (e que não é apenas composto por alunos meus), não só sobre o antigo Convento dos Marianos, mas também sobre o Anglicanismo e sobre a nossa Igreja Lusitana.

ND: Dr. Guedes Vieira, para encerrarmos esta partilha de experiências – a qual agradecemos desde já, pedimos-lhe que deixe uma reflexão final aos nossos leitores do Novo Despertar.

Dr. MGV: Primeiro, que nunca posso deixar de dar graças a Deus, porque Ele sabe melhor do que ninguém onde e quando podemos ser úteis, eu por mim, tenho por certo que foi Ele, o nosso Pai Celeste, quem me abriu esta “janela”, e levou a minha Mulher a dar-me o necessário empurrão. Para concluir, não posso deixar de recomendar a quantos entram na chamada Terceira Idade, que procurem uma universidade sénior e participem nos seus trabalhos, como alunos, como professores ou ambas as coisas.



“E não é também isto o Reino de Deus?”

Aurora Freitas Melo é membro da Paróquia Lusitana do Salvador Mundo (Vila Nova de Gaia) onde integra a Junta Paroquial. Colaborou na criação da Academia Senior do Orfeão da Madalena exercendo funções de Diretora nos anos de 2017/18.

No ano de 2017 a Direção do Orfeão da Madalena, defendia que o futuro e a sobrevivência das Coletividades Culturais e Recreativas dependiam da sua capacidade de adaptação e abertura à comunidade envolvente, abandonando o velho princípio de “Exclusivo a Sócios”. Esta ideia, encontrou muitos obstáculos e resistência, mas acabou por se impor, resultando na criação de uma Academia Sénior como resposta social para o envelhecimento ativo, abrindo as portas da Coletividade a todos os interessados em adquirir novos conhecimentos, partilhar as suas competências, conviver e fazer novos amigos. O projeto foi elaborado em junho de 2017 e teve a sua apresentação pública no auditório da Junta de Freguesia no início de setembro, tendo desde logo o apoio do Executivo da Junta, que classificou o projeto como “...de elevada importância para a Freguesia.”

Tendo recebido a designação ASOM – Academia Sénior do Orfeão da Madalena, fez o seu registo na Rutis - Associação Rede de Universidades da Terceira Idade – contando com preciosa colaboração voluntária da Cristina Melo que assegurou todo o secretariado.

As aulas começaram logo a 3 de outubro com apenas 44 alunos e 7 disciplinas das 13 apresentadas no projeto. As mais procuradas foram a informática, guitarra, hidroginástica, treino cognitivo, movimento e relaxamento corporal, yoga e fotografia. Mais tarde acrescentou-se a disciplina de História das Religiões. De fora, com alguma surpresa nossa ficaram as disciplinas de inglês, pintura, cavaquinho, história da música, teatro, artes decorativas e dança.

A metodologia tem por base as boas práticas de outras academias do Concelho de Vila Nova de Gaia e como premissa os afetos e a alegria. Mais do que um espaço de saber e de socialização, foi fundamental no pensamento dos Diretores, que fosse um espaço onde as pessoas se sentissem felizes.

A Direção, após analisar o quadro das respostas sociais existentes na Freguesia, e considerando as poucas infraestruturas disponíveis, optou por uma resposta para seniores na convicção de que grande parte dos interessados seriam da Freguesia e com vivência no Orfeão ao nível do Canto, do Teatro e de toda a vida desta Coletividade que já celebrou 93 anos de existência. A resposta foi muito além das expectativas. Terminamos o ano com quase 70 alunos, muitos não residentes na Madalena, e para muitos dos alunos o primeiro contacto com a Instituição. Uma grande parte tornou-se sócio(a) engrossando a massa associativa, alguns integraram o Coral e outros já assumiram cargos nos Órgãos sociais. Ao assumir abrir as suas portas para servir a comunidade, reacendendo o brilho e a chama de outrora, o Orfeão da Madalena ganhou vida, dinâmica e um sentido mais justo da sua condição de Instituição de Utilidade Pública

Para este sucesso, muito contou o leque de professores selecionados, que trouxeram, cada um à sua maneira novas formas de estar e de pensar, congregando em torno de si mesmos o carinho e o interesse dos alunos. As academias, que surgem um pouco por todo o país, além de serem projetos educativos e formativos, são acima de tudo espaços de encontro com o outro, de troca de afetos, onde as pessoas sentem que a sua vida não decorre num deambular diário de pequenas ocupações para passar o tempo, mas que ainda estão a viver as suas vidas em pleno, numa nova fase onde ainda têm tempo para realizarem novos projetos, aprenderem novas coisas, fazerem novos amigos, e que afinal de contas, podem ser velhos para o mercado de trabalho, mas têm ainda muito para dar à sociedade.

A ASOM, segue agora o seu caminho, com mais alunos, mais professores, nova direção, novos desafios e a mesma alegria com que começou. A mim resta-me agradecer a todos, e à vida, a possibilidade de ter participado na criação deste projeto.

E não é também isto o REINO DE DEUS...?

É O NOSSO FUTURO

O QUE PODEMOS FAZER?

As próximas Eleições Parlamentares Europeias terão lugar de

23 a 26 de Maio 2019

Através do voto direto, os cidadãos da União Europeia elegerão os membros do Parlamento que influenciarão a vida da União Europeia por um período de cinco anos ... e para além disso!

Através da participação democrática, erguemos as nossas esperanças por uma Europa e um futuro melhor. A União Europeia compromete-se pela justiça, paz, solidariedade e dignidade humana. As Igrejas partilham destes valores e acreditam que os aspetos económicos, sociais, espirituais e ecológicos das nossas vidas estão interligados e não podem ser tratados separadamente. Preocupações comuns ligam as nossas vidas para além de todo o tipo de fronteiras e limites. A crise ecológica global, guerras comerciais e desemprego, a chegada de refugiados e o crescente nacionalismo todos dramaticamente redefinem a vida na Europa de hoje.

A UNIÃO EUROPEIA: UMA ÁREA DE VALORES PARTILHADOS

Dignidade humana, justiça, liberdade, paz e reconciliação, tolerância e solidariedade são valores centrais no coração do projeto Europeu. As Igrejas comprometem-se a trabalhar por uma Europa melhor e apoiam o projeto Europeu para promover valores partilhados e o bem comum. Procuramos construir pontes, superar divisões históricas e incrementar um sentido de responsabilidade para com o mundo. Perante o conflito, somos chamados a agir pela reconciliação e contra a opressão.

Nesta hora tão importante para o projeto Europeu, as Igrejas da Conferência das Igrejas Europeias, entre elas, a Igreja Lusitana, reafirmam o seu propósito de um contributo cristão para uma Europa solidária e democrática.

Todos os cristãos no assumir da sua condição de batizados em Cristo e construtores do Reino de Deus são chamados a este compromisso.

Encorajamos todos a envolverem-se nas próximas Eleições Europeias e participarem no desenvolvimento do projeto Europeu. Aqui ficam algumas sugestões :

VOTAR PELA PAZ, JUSTIÇA, DIGNIDADE HUMANA E SUSTENTABILIDADE E ENCORAJAR OUTROS, ESPECIALMENTE JOVENS A VOTAR.



PARTICIPAR EM DEBATES LOCAIS.

CONHECER OS PROGRAMAS ELEITORAIS DOS PARTIDOS.



SEGUIR E INTERAGIR COM OS CANDIDATOS E PARTIDOS ATRAVÉS DOS ORGÃOS DE COMUNICAÇÃO.



APRENDER MAIS SOBRE A POSIÇÃO DA TUA IGREJA NOS ASSUNTOS CHAVES.



PROMOVER DISCUSSÕES E EVENTOS RELACIONADOS COM AS ELEIÇÕES NA TUA IGREJA.



ENCORAJAR DEBATES. CONFERIR OS FACTOS E USAR LINGUAGEM EQUILIBRADA, ESPECIALMENTE NAS REDES SOCIAIS ONDE A INFORMAÇÃO SE ESPALHA FACILMENTE.





A reunião do Conselho Consultivo Anglicano (ACC) na sua décima sétima edição terá lugar em Hong Kong – China de 28 Abril a 5 de Maio próximo. Este Conselho é um dos quatro instrumentos de unidade da Comunhão Anglicana e reúne-se de 3 em 3 anos. A convite do sr Arcebispo de Cantuária, e na qualidade de membro co-optado, o Bispo da Igreja Lusitana estará presente no evento e representará também a Rede Lusófona da Comunhão Anglicana. São esperados cerca de 110 participantes representando a rica diversidade de Igrejas, países e culturas existente na Comunhão Anglicana

O tema da reunião é «Equipar o povo de Deus – aprofundar o Discipulado Intencional» e sustenta-se na Década de Discipulado Intencional que está a ser vivida pelas Igrejas da Comunhão Anglicana. O programa é muito preenchido e compreenderá diariamente quatro sessões de trabalho. Haverá oportunidade para ver Hong Kong e experienciar o trabalho de missão que a Igreja está a desenvolver. Serão apresentados relatórios sobre o Discipulado Intencional, o trabalho Anglicano nas Nações Unidas e na Sociedade, o trabalho Ecuménico e o trabalho das redes temáticas existentes. Será apresentado ainda um importante documento sobre as Diretrizes para uma Igreja segura para crianças e adultos vulneráveis na sequência dos escândalos de abusos sexuais que atingiram também algumas Igrejas Anglicanas.

Está já em marcha a preparação da Conferência de Lambeth em Cantuária (Inglaterra) no Verão de 2020. Esta Conferência (um dos quatro instrumentos de unidade da Comunhão Anglicana) reúne-se aproximadamente de dez em dez anos desde 1867. Os Bispos de toda a Comunhão Anglicana que estejam em exercício são convidados a participar pelo sr Arcebispo de Cantuária. Neste contexto, o Bispo da Igreja Lusitana recebeu já a carta-convite e estará presente neste evento conjuntamente com a sua esposa, dado que as esposas dos bispos são também convidadas havendo para elas um programa próprio.

O tema será a «A Igreja de Deus para o Mundo de Deus: caminhando, escutando e testemunhando juntos» baseado na primeira Carta de Pedro. O aprofundamento desta carta do Novo Testamento permitirá abordar assuntos chaves para a Missão da Igreja no mundo de hoje como são a perseguição, o testemunho, a santidade, a esperança, a oração e a confiança. Assumindo e reconhecendo as diferenças e divisões existentes no seio da Comunhão, Justin Welby referiu que as mesmas são para ser vividas e assumidas no seio da família e no respeito pela diversidade, sendo que o natural discordar de opiniões deve contemplar sempre e acima de tudo o amor e a estima entre irmãos e irmãs em Cristo.



Movimento de Oração

Venha o Teu Reino

de 30 de Maio (Ascensão) a 9 Junho 2019 (Pentecostes)

Venha o Teu Reino é um movimento mundial de oração que se estende do Dia da Ascensão (30 de maio) ao Domingo de Pentecostes (9 de junho). Em 2018, pelo menos 114 países da Comunhão Anglicana estavam envolvidos. Tudo começou com o apelo do Arcebispo Justin Welby para que o povo orasse a fim de que os nossos amigos conhecessem o amor salvífico de Deus em nosso Senhor Jesus Cristo. Este movimento espalhou-se para fora da Inglaterra, começando na Igreja das Bermudas, e neste momento já cresceu em todos os continentes e em muitas denominações. O sr. Arcebispo de Cantuária Justin Welby afirmou: “Não me consigo lembrar de nada em que me envolvi em toda a minha vida em que tenha sentido tão claramente a obra do Espírito Santo.”

Venha o Teu Reino, esta frase maravilhosa da oração que o próprio Cristo nos ensinou, é um pedido para que a Lei de Deus e o Reino de Cristo cheguem, à vida dos homens e das mulheres, às comunidades e países, e para que as pessoas encontrem uma paz que permaneça, e vivam a segurança a realização de si mesmos no Senhor que viveu, morreu e por eles ressuscitou.

Ao nos unirmos a este grande movimento internacional do Espírito Santo, não estamos apenas a seguir o apelo do nosso Arcebispo, mas estamos a regressar ao Novo Testamento. Em Atos, capítulo 1, versículo 14, Lucas diz-nos que os líderes da Igreja primitiva, no período entre a Ascensão e o Pentecostes, oraram como nunca haviam orado antes. Oravam constantemente, unidos e de uma nova forma: “junto com as mulheres”. Nós lemos isto agora e podemos pensar que não há aqui nada de estranho, mas há 2000 anos era novo! Homens

e mulheres sentavam-se separadamente na sinagoga, mas agora em Jesus todas as barreiras foram derrubadas. Jovens e idosos, ricos e pobres, judeus e gentios, homens e mulheres oram juntos. Como São Paulo escreveu em Gálatas: “Somos todos um em Cristo Jesus”. Assim, creio, é o Espírito Santo através das Escrituras, que nos está a chamar para orar.

Talvez uma das coisas mais simples e poderosas que podemos fazer é “Orar por 5”. Pense em cinco pessoas que conhece, podem ser membros da sua família, ser seus amigos ou até líderes nacionais que vê na televisão, e que de momento não seguem a Jesus. Ore por eles todos os dias, da Ascensão ao Pentecostes, para que eles conheçam o amor salvador de Deus em Jesus Cristo. Outra coisa que a Igreja primitiva fazia nesse período era planear a sua missão. Escolheram um novo apóstolo para tomar o lugar de Judas Iscariotes. A forma como eles fizeram isso provavelmente não é a maneira como faríamos hoje na nossa cultura... mas isto é um ponto. A mensagem de Jesus é imutável e para o mundo inteiro. A forma exata como nós compartilhamos isto necessitará de estar enraizada nas nossas próprias culturas, expressa nos nossos próprios idiomas e tornados relevantes para todas as pessoas, não tendo importância a sua idade ou a sua origem.

Vamo-nos unir na oração: “Venha o Teu Reino” com os Cristãos através da Comunhão Anglicana e com outras Igrejas ao redor do mundo e vamos trabalhar para que vidas sejam mudadas pelo poder de Cristo.

*Reverendo Robert Key
(líder da Comunhão Anglicana para
o programa Venha o Teu Reino)*



O Brexit, a Igreja de Inglaterra e a Diocese da Europa

Em 2016, a Igreja de Inglaterra não tomou nenhuma posição oficial no que dizia respeito à campanha para a realização do Referendo que tinha como objectivo decidir se o Reino Unido devia abandonar a União Europeia (UE). No entanto, depois do referendo, o Arcebispo de Cantuária, Justin Welby, afirmou que votou pela permanência e chamou à atenção para os danos na economia e para o perigo de “sucumbir aos nossos piores instintos”. O Arcebispo de York, John Sentamu, também votou pela permanência, e declarou que pertencer à UE se aproxima do sentido do “florescimento mútuo e da paz encorajadora”. Da mesma forma, uma vasta maioria dos Bispos da Igreja de Inglaterra votou pela permanência. No entanto, 66% dos cristãos desta Igreja não se deixaram persuadir pelos seus Bispos e votaram a favor do Brexit, este

número comparado com a média nacional de 53%. Foi sugerido que os Anglicanos de Inglaterra tomaram uma decisão positiva do ponto de vista da sua cultura e etnicidade, porque encaram a UE como uma ameaça à sua herança, valores, identidade e soberania parlamentar. Muitos cristãos a favor do Brexit estão preocupados com o impacto que as migrações têm na habitação e no emprego, enquanto outros sentem que semelhante decisão não está de acordo com a mensagem cristã de tolerância e generosidade. Passa então a ser justo afirmar que alguns cristãos da Igreja de Inglaterra desejam celebrar a partida do seu país da UE, enquanto outros a lamentam.

Para os cristãos da Igreja de Inglaterra que vivem fora, e particularmente para os da Diocese na Europa,

espaço onde existem 300 capelanias distribuídas por 40 países, o resultado do Brexit gerou sentimentos de tristeza e choque. A vasta maioria do clero e dos membros das Igrejas da Diocese na Europa possuem passaportes britânicos, e originalmente vieram para a Europa continental sabendo que iriam desfrutar dos mesmos direitos e serviços que os cidadãos dos países onde estavam estabelecidos. A partir de agora tudo isso é incerto e para alguns é motivo de ansiedade, isto aplica-se também à relutante decisão que alguns sentem de ter que regressar ao Reino Unido.

Não obstante, para além dos lugares onde as pessoas trabalham diretamente com as instituições da UE, a Diocese não espera alterações significativas nas comunidades de língua inglesa, quer no que diz respeito às pessoas que se movem no espaço do continente, quer nas capelanias. A população académica está a crescer, assim como firmas, fábricas e sedes de organizações internacionais, intergovernamentais, multinacionais e organizações da sociedade civil. Isto está a produzir cada vez mais “cidadãos internacionais” na Europa, e para quem o Culto e a assistência religiosa em língua inglesa são acessíveis e respondem a essa necessidade vital.

Há, no entanto, mais do que nunca, uma necessidade de reflexão espiritual e intelectual acerca do sentido e do futuro da Europa – e isto apela a todos, inclusive Igrejas, especialistas, cientistas e pessoas do mundo da cultura. Jacques Delors, antigo Presidente da Comissão Europeia, falou em 1992 acerca da necessidade de “dar alma à Europa, de lhe dar espiritualidade e sentido”.

Em 2014, expressando a sua preocupação, o Papa Francisco afirmou que infelizmente a Europa já não está mais aberta à dimensão transcendente da vida, arriscando assim a perder as características que tanto ama e defende: a sua própria alma e o seu espírito humanista.

No seguimento do referendo de 2016, que determinou a saída do Reino Unido da UE, os parceiros Ecuménicos da Europa continental reagiram aos resultados com desconfiança e insistiram que mais do que nunca era importante que a Igreja de Inglaterra reafirmasse a todos os níveis o seu total comprometimento com os seus irmãos e irmãs de outras Igrejas Cristãs. As Igrejas necessitam de ser e de serem vistas, como fontes de união e unidade. Necessitam de ser entendidas como forças ativas de reconciliação, mesmo entre aqueles que seguem outras formas de fé ou entre aqueles que de todo não têm fé. Todas as Igrejas no continente Europeu devem olhar de forma séria para as suas raízes teológicas e espirituais e considerar novamente o imperativo teológico da unidade. Um Deus que de uma forma eterna se constituiu a si mesmo como uma comunidade de Pessoas – a Trindade – deve ter o seu reflexo numa nova comunhão na sociedade humana e no sentido alargado da Criação. Da mesma forma como a Igreja do séc. XX redescobriu que a doutrina da Santíssima Trindade está no coração de toda a Teo-

logia, depois do Brexit e de tudo aquilo que ameaça a unidade da sociedade e da Igreja, talvez a Igreja do séc. XXI redescubra que a Reconciliação está no coração do Evangelho. A Diocese na Europa da Igreja de Inglaterra está fortemente comprometida quer com a missão quer com a unidade da Igreja no continente Europeu – e talvez todos juntos possamos encontrar e descobrir a alma da Europa!

Com toda a sua mistura de bondade e de pecado, dois mil anos de história ligam a Europa ao Cristianismo, mas as ligações entre a Cristandade e a UE normalmente são subestimadas ou minimizadas. Se não permanecer na UE, o Reino Unido, permanecerá sempre como uma parte do continente Europeu. A Igreja de Inglaterra, como Igreja de um povo que fala inglês, tem um profundo e histórico laço de relacionamento com o continente Europeu. As suas grandes Igrejas e Catedrais, a sua língua e a sua literatura, dão testemunho da riqueza cultural inspirada pela sua ligação à Europa, e que toda a Europa também aceita como sua. A Igreja de Inglaterra tem tido capelanias de língua inglesa na Europa nos últimos 400 anos. A primeira Bíblia em inglês foi impressa em Antuérpia, Bélgica. Quando Guilherme de Orange atravessou o Canal para tomar a coroa de Inglaterra, a sua esposa, Mary, trouxe consigo o capelão Anglicano que era o assistente espiritual deles na Holanda.

A Diocese Europeia da Igreja de Inglaterra continuará a sua missão a fim de assegurar que o Culto e o Ministério estejam disponíveis para aqueles que vivem no continente e cuja língua-mãe é o inglês. A Diocese está presente em todo o continente Europeu. Existem cerca de 300 capelanias, da Islândia, no Norte, até à Turquia no Médio Oriente. A Diocese mantém relações próximas com os irmãos e irmãs de outras Igrejas Cristãs por toda a Europa. Assim a Diocese continuará o seu esforço para defender nas Instituições Europeias as questões chave relativas aos direitos humanos, às migrações, liberdade de expressão e liberdade religiosa. O Reino Unido pode deixar a UE ao fim de 45 anos, mas os Anglicanos têm estado na Europa nos últimos 400 anos e aqui continuarão a permanecer. A Diocese na Europa da Igreja de Inglaterra está aí para ficar!

*Reverendo Cónego Dr. Philip Bourne
Capelão da Igreja Inglesa de St. James no Porto*

Bibliografia consultada:

The Church of England struggles to find its voice on Brexit, Religious News Service, December 7 2017.
Brexit and The Diocese in Europe, wordpress.com, April 2018.
Finding the Soul of Europe, Diocese in Europe Link, January 22 2019.
Brexit: A European Voice, The Right Reverend Dr Robert Innes, Diocese in Europe Link, January 2019.



Profetas e Apóstolos

Dos vários nomes e títulos aplicados aos servos de Deus no Antigo Testamento, estes do nosso título são os mais conhecidos, digamos mesmo os mais importantes. O único título que aparece nas “duas” Escrituras, é “Anciãos”, mas se a palavra tem algum sentido espiritual, tem também um sentido social – os idosos eram respeitados e serviam como conselheiros nas aldeias e pequenas cidades. Eram sábios em certos acontecimentos, mas principalmente na experiência de vida. No Antigo Testamento também aparecem os sacerdotes e os levitas. Havia os escribas, mas geralmente o título e a função ficam subentendidos. É claro que havia os conselheiros da corte, mas esses eram mais ouvidos em assuntos políticos e militares, raramente em aspectos espirituais.

No Novo Testamento, e já no Cristianismo, aparecem as palavras Presbítero, Diácono e Bispo, e com sentido algo modificado mantém-se a palavra Ancião – lembremos que Timóteo era um jovem mas era considerado um ancião/dirigente. No Judaísmo desse tempo tinham grande autoridade os Doutores da Lei e os Escribas. O Sacerdócio estava centrado em Jerusalém, muito longe da posterior noção Cristã de “sacerdócio universal”. Os Rabis eram uma inovação que tinha começado no tempo do Exílio na Babilónia.

Mas vejamos mais em pormenor dois aspectos. Qual era a diferença entre “Profetas e Apóstolos” e os

dirigentes de outras religiões pagãs mais conhecidas? Claro, que antes de mais, há a ênfase no Deus único. Esse Deus não era manipulável por rituais, sacrifícios ou promessas. Nem por magias. Deus aceita o diálogo (por exemplo no livro de Job, e conversas/argumentos de diversos profetas e reis...), mas tem sempre a última palavra que poderá variar conforme a obediência ou não da parte humana. Deus é soberano no sentido total. Nos santuários pagãos, os sacerdotes e as pitonisas gozavam de grande prestígio e benesses, embora por vezes alguns rituais fossem cruéis, e chegou mesmo a existir “prostituição sagrada”! Existia a palavra “profeta”, mas era bastante frequente falar-se de videntes, pitonisas, feiticeiros e outros.

Além da “perfeição” dos rituais, por vezes era pedido um conselho ou uma “profecia”. Este contacto/resposta era considerado um “oráculo”, sempre de mais confiança nos santuários mais famosos, ou se a pitonisa entrasse em transe – transe talvez algumas vezes fingido, outras vezes real, após exposição a fumos de certas plantas alucinogénias, ou ingestão de certas beberragens. Como nesse estado podia ser que nem se percebesse o que diziam, outro colaborador escrevia, e isso depois era lido ao peregrino ou ao penitente. Frequentemente o texto era ambíguo, ou enigmático, de modo que se a “profecia” não se cumprisse a culpa era de ter sido mal interpretada. E, algo

insólito, muitas religiões pagãs não tinham nem noção ética nem espiritual de pecado.

Daqui entramos em várias diferenças. Todos estes eram profissionais da religião, às vezes escolhidos por alguém, outras vezes voluntários aceites, com “períodos experimentais”, para se perceber se tinham a intenção de criar conflitos ou vontade de usurpar poderes...

Em Israel a chamada e a atuação dos profetas era muito diferente. Não se auto-elegiam, nem eram nomeados, nem escolhidos à força. Eram escolhidos por Deus, apanhados de surpresa. Em 2008 um cientista israelita escandalizou os judeus ortodoxos e os cristãos, ao afirmar que no Sinai, Moisés estaria sob influência de “substâncias narcóticas”, dado que realmente há na zona uma acácia regional cuja casca contém alucinógenos. O certo é que os escolhidos por Deus a princípio tentavam recusar o seu encargo. Era uma responsabilidade quase impossível ser porta-voz de Deus. Transmitir a Palavra Divina com palavras humanas era um desafio enorme. Eram muitas vezes apelidados de arrogantes e mentirosos, cf Êxodo 4:1/10; Isaías 6:5; Jeremias 1:6... Esta honrosa missão não trazia recompensas: muitos foram insultados, perseguidos e mortos, e só depois de mortos é que alguns foram reconhecidos. Não se apresentavam como pessoas subornáveis nem aceitavam benesses, cf II Reis 5:16; Zacarias 11:13. Deus escolheu quem quis, de todas as classes sociais. Por exemplo Amós era lavrador e criador de gado (Amós 7:14), Isaías era um homem ligado à corte como conselheiro (Isaías 37:2), Daniel era um homem importante na Babilónia. Alguns tinham um discípulo/ajudante/escritor. Havia os que eram casados, solteiros, viúvos ou separados. Alguns viviam em grupos ou comunidades autónomas não presas a estruturas (II Reis 2:7). Uma coisa é certa, eram homens de ânimo forte e raramente desanimavam (I Reis 19:4, Isaías 49:4).

No Novo Testamento a primeira e principal chamada é a dos Apóstolos, convidados cara a cara, e também eles de profissões e classes sociais variadas. Não se trata aqui de visões místicas, nem de inspirações e revelações misteriosas, mas de uma chamada convincente: “deixando tudo, seguiram-no”. Uns deixaram barcos e redes, outro deixou a mesa cheia de dinheiro dos impostos. Houve um apelo irrecusável, mesmo sem nada saberem do seu novo futuro... Apóstolo até tem um significado simples, que é “mensageiro” – não o que entrega um recado e vai embora, mas o que tem que confirmar a mensagem com o seu exemplo. Seria esta a sua missão, mesmo depois do Mestre os deixar. Tanto mais que seriam eles a ficar com a autoridade principal do serviço missionário. Nesta chamada, Paulo seria a exceção, numa chamada em condições diferentes, mas igualmente radicais. Em comum com os profetas, teriam as dificuldades e as incompreensões. Mas o anúncio para todos os povos, que poucos judeus antigos entenderam e praticaram, seria por eles cumprido.

Jesus trouxe mudanças radicais para a vida espiritual e suas consequências na vida prática e na maneira de

encarar a eternidade. “Quem me vê a mim, vê o Pai” torna-se mais próximo o que Deus que se revelava a poucos, e de modos por vezes assustadores, como no Monte Sinai. A vocação, para os Apóstolos, tornou-se Universalista e Missionária e passou a ser algo essencial, depois da Ressurreição e do Pentecostes. Muitas religiões daquele tempo eram regionais, embora de uns locais para outros tivessem pontos comuns. As maiores semelhanças eram entre as mitologias grega e romana. Depois de uma pequena fase inicial em Jerusalém, o Cristianismo passou a uma “descentralização” com muitas espontaneidade – responsável e não caótica – que levou a muitas viagens pelo Mediterrâneo e outros locais. Entrou naquilo a que chamaríamos globalização espiritual.

Algo ironicamente, ou milagrosamente, algumas perseguições levaram à dispersão de muitos cristãos, que assim espalhavam o Evangelho. Até uma discussão entre Paulo e Barnabé (Actos 15:39-40) levou a que se fizessem duas viagens em vez de uma, chegando assim o Evangelho a dois locais, em vez de um só. Isto é um aspeto que nos lembra que o sentido inicial da palavra Evangelista não se referia àquilo que chamamos hoje os autores dos 4 Evangelhos, mas a todos que tinham modos e dons de anunciar a sua fé, como Igreja primordial.

O Antigo Testamento mostra que os Salmistas – poetas, músicos e cantores – eram homens que usavam os seus talentos para louvar a Deus e para lembrar ao povo o Seu poder. Esta linha continua no livro de Atos e nas Epístolas, onde encontramos claros indícios de que a Igreja continuou a usar os Salmos, mas também começou a usar novos hinos, assumidamente cristãos. Talvez exista aqui uma diferença, é que para além do louvor a Deus, os hinos começam a ser um meio de evangelização, exortação, ensino e edificação. Jesus trouxe mudanças radicais para a vida espiritual e suas consequências na vida prática e na maneira de encarar a eternidade. “Quem me vê a mim, vê o Pai” torna-se mais próximo o que Deus que se revelava a poucos, e de modos por vezes assustadores, como no Monte Sinai.

Uma conclusão pode ser importante para os dias de hoje. Inovações excessivas podem ter grandes riscos. Mudanças sim, mas sujeitas a cuidadosa e repetida avaliação. Nem rigidez, nem facilismos. Creio que alguns novos casos incluem o risco de grupos algo caóticos onde não se vê claramente sabedoria na doutrina nem na autoridade. O passado passou...mas não deve ser esquecido nem deturpado.

Termino recordando o aviso de Jesus, que bem é para os nossos tempos:

“Haverá falsos cristos e falsos profetas”

Reverendo Jorge Barros

No Café... com Deus

1. Entrei, abeirei-me do balcão e pedi um café. A senhora, em tom bem audível, discutia com um sujeito postado na ponta do balcão, sobre o que era pecado e se havia inferno. Ao servir-me o café disparou de modo que me pareceu jocoso: “o senhor é bispo ou padre?”. Ela reconheceu-me porque numa das vezes que por ali passei cruzei-me por acaso com alguém que me conhecia e, pelos vistos, após a minha saída conversaram sobre mim. “Sim, sou bispo anglicano” – respondi-lhe com um sorriso, pensando que a pergunta não passasse de mera curiosidade. Mas, de imediato ela procurou introduzir-me na discussão que dizia ser a brincar: “Existe inferno ou não?”.

Não conhecia a senhora, era a primeira vez que falava com ela e enquanto tomava o café procurava compreender se tal questão a preocupava realmente ou se a conversa não passava de um modo de passar o tempo – “a gente tem de dizer alguma coisa!...”. Optei por entrar na conversa humorada e respondi: “não sei se o inferno existe ou não, nem me parece que alguém o saiba. O que sei é que Deus é amor e, portanto, não se percebe que Deus tenha criado um ‘inferno’ para aí colocar as pessoas e ainda por cima eternamente”. Então, o homem do fundo do balcão, que até aí esteve calado, elevou a voz e surpreendeu dizendo: “para mim não há inferno nenhum, o inferno está neste mundo”. Veio-me à mente o dito de Sartre: “o inferno são os outros!”.

Entretanto, entrou outra pessoa e a conversa ficou por ali. A senhora acomodou-se na sua lida, o homem continuou no mesmo lugar a fazer não sei o quê, e eu, paguei, saudei os presentes e saí. Caminhando tentava vislumbrar o que cada um tinha por Deus na sua mente. Para a dona do café o “seu” Deus seria um ser superior, poderoso e justiceiro, com um inferno a perscrutar o comportamento dos humanos; para o cliente conversador, porventura um Deus longínquo ou mesmo a Sua ausência contando apenas consigo para enfrentar as curvas da vida. Então, recordei-me do que li algures a propósito da parábola do filho pródigo: “a chave da espiritualidade está no Deus em quem cremos”.

2. Na verdade, a nossa relação com a fé depende fundamentalmente da ideia que temos de Deus. Todos sentimos uma ânsia particular de ir a Deus particularmente quando estamos inseguros, fragilizados ou em sofrimento. É uma condição existencial do ser humano. E não tendo um referencial para O conhecer, a tentação – bem humana também – é “construí-lo”, atribuindo-lhe potencialidades e atributos à medida das nossas necessidades, em geral com base em estereótipos. Por exemplo, acreditamos que Deus existe, é todo-poderoso – tem poder para dominar o mundo – e infinitamente bom, e depois somos confrontados com contradições insanáveis, pois não sabemos conciliar essa onipotência e bondade com toda a espécie de mal que pulula à nossa volta e com as calamidades naturais que afetam regiões e espalham a morte e a infelicidade entre os que nelas vivem.

Nós, os cristãos, temos uma referência para “descobrir” Deus: Jesus Cristo. Ele próprio nos explica que «quem crê em mim não é em mim que crê, mas em Quem me enviou, e quem me vê, vê Aquele que me enviou» (S. João 12, 44-45), e reafirma-o na conversa com os apóstolos «Ninguém vem ao Pai a não ser por mim. Se me conheceis, também conhecereis a meu Pai (...) Quem me vê a mim, vê o Pai» (14, 7.9). Ou seja, o Evangelho é claro: o homem Jesus é a imagem de Deus. É a afirmação central de todo o Novo Testamento. E o apóstolo Paulo até escreveu: “nada nem ninguém nos poderá separar do amor de Deus que está em Cristo Jesus, nosso Senhor” (Romanos 8,39). Mas, que Deus “está” em Jesus Cristo?

3. Por um lado, “vemos” em Jesus atributos divinos, competências de Deus. Fez milagres, deu de comer a milhares, ordenou ao vento que amainasse e às águas que se aquietassem, curou muita gente de doenças físicas e psíquicas, ressuscitou Lázaro, seu amigo, a filha do chefe da Sinagoga e o filho da viúva de Naim. Mas, por outro, sabemos que foi concebido como qualquer pessoa humana, nasceu de mulher e teve uma

infância humana, sentiu fome, sede, cansaço e dor como qualquer pessoa, foi rejeitado na sua terra e dela teve de fugir, enfrentou a dúvida dos seus mais próximos, familiares e seguidores, foi traído, preso, acusado, condenado, injuriado («salva-te a ti mesmo!» - S. Mar 15,30) e morto na cruz. Ou seja, Deus em Jesus é o ser 'todo-poderoso' que expressa o seu poder nos milagres e que, ao mesmo tempo, se envolve na 'humanidade' do modesto judeu de Nazaré.

Em S. Mateus 14,34-36 relata-se que em Genesaré trouxeram todos os doentes a Jesus «E todos os que lhe tocavam ficavam curados». É uma passagem que os exegetas sentem dificuldades em explicar. Contudo, aceita-se que a mesma apresenta Jesus na sua condição humana a ir ao encontro dos pobres, dos enfermos, dos que sofrem, dos que se sentem atormentados por dúvidas e sentimentos de culpa. E assim dava saúde, vida e felicidade à gente com quem se encontrava, remediando ou pelo menos aliviando o sofrimento humano. Ora, se Jesus nos diz que «Quem me vê a mim, vê o Pai», então, Ele quer mostrar-nos Deus pondo os seus atributos divinos ao serviço das suas convicções humanas. Por isso, crer em Jesus é acreditar num Deus que não quer dominar o mundo, nem olhá-lo distante, antes, quer ser parte da humanidade de cada ser e nela se plantar para livrá-lo do mal. Quando Lhe pedimos no Pai-nosso “livra-nos do mal”, estamos a rogar que na Sua onnipotência nos liberte do que em nós acorrenta e destrói a nossa humanidade. Numa palavra, em Jesus acreditamos e confiamos num Deus vivo, poderoso, bondoso e cheio de misericórdia, mas que se afirma na nossa humanidade e no modo como a vivemos e praticamos na relação com os outros.

+ Fernando, Bispo Emérito



Transfiguração

Pai todo poderoso,
os discípulos viram o teu Filho em glória
antes de Ele vir a sofrer na cruz;
concede-nos que, pela fé na sua morte e ressurreição,
triunfemos no poder da sua vitória.
Mediante Jesus Cristo, nosso Senhor. *Ámen*

(in liturgia Igreja Lusitana – II Domingo da Quaresma)

Capa : Transfiguração de Jesus
Autor da tapeçaria, Amândio Silva, Agosto de 86
Paróquia Lusitana de S. João Evangelista - Vila Nova de Gaia